

202

S E R M A M

DAS ALMAS.

QUE PREGOV

O M.R.P.Fr. ANTONIO DE S. MARIA,
Visitador gèral da Congregaçào dos Descalços
de S. Agostinho em Portugal.

NA PAROCHIAL DE S. ESTEVAM DE ALFAMA
desta Cidade de Lisboa.

DEDICADO

A SENHORA

D. MARIA DE LIMA,

Condeça de Mesquitella.



15

LISBOA.

Na Officina de JOAÃO DA COSTA.



M. DC. LXXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

202

S E R M A M

D A S A L M A S

S E R M A M

O M N I A T O T O N O T A R I A

V E R B O S S E R M O N I S

D E S S A C R A M E N T I

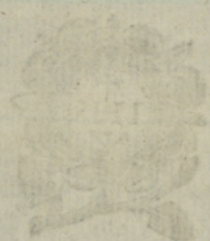
N A T U R A L I U M

D E D I C A T I O

A S A N T O N O

D E M A R I A D E L I M A

C O N T I N E N T I A



L I S B O A

N I C O L A O D E S C O T T

M D C L X V I I I

C O N T I N E N T I A



DEDICATORIA



STE papel he tão confiado, que dos desejos, que V. S. teve de o ouvir, formou azas para voar, & ter a dita de ser lido, já que a não teve de ser ouvido, & se a deuação, & honra, que V. S. me faz, o passar da leitura à estampa, então cuidou lhe fago algum offercimento, porque me arriisco por seu respeito a serem mais notorios os meus defeitos; mas deste beneficio absoluo a V. S. pella obrigação, em que lhe fico, ainda na offerta, que lhe fago, porque sei, que as suas grandezas hão de dourar as minhas rudezas, & que tendo este Sermão por escudo, o nobilissimo brazão de Lima, grande parte da illustrissima qualidade de V. S. parecerá limado, não sendo culto, & hindo debaixo do seu titulo, poderá ter nome, & tal vez que seja também afortunado, que sô a sombra de V. S. faça nulle, o que o Sol faz no pesçoço da pomba, que representa cores, onde taes cores se não dão: a este Sermão, que por ser de exequias, he de morte cor, poderá o patrocínio de V. S. dar taes cores, que mereça estampa, & tal alma lhe darâ, por ser das almas, que possa viver na posteridade com alma de opinião.

Como ha de obrar tanto o primor de V. S. nesta limitada offerta, nella se acharâ como em obra tanto sua, porque nas gene-

202
rosidades, finezas, & lealdades, peã com os defunctos, que he a
materia do Sermão (verã V. S. estampadas as suas pera com o
defunto Conde, que Deos tem) digno pera primeiro, como pera
unico, & então se poderã affirmar, que a obra he toda de quem
por obras faz o que nella está escrito, & desta sorte não temo a
estampa, antes estimo, que meus grosseiros discursos siruão de
Atlantes às excellencias de V. S. pera que no theatro do mundo se
venere, outra illustissima Iudith com menos annos, & mais par-
tes, & se entenda que nas senhoras de Portugal florecem Deboras
como em Israel, & Paulas, como em Roma, que desprezão os ri-
zos de Sara, & os aplausos de Rachel, que sabem com discri-
ção vencer os annos, & com a viriude afrontar a vaidade,
& que finalmente considerão, que a melhor das flores com ca-
pello, conserua mais a natural bizarrria, & lhe dura mais o
mimo da Aurora, no encapellado botão, que nas galas encarna-
das, & vistza pompa das folhas. Mas já retiro a pena, que po-
derã causar algũa, á quem nem por sombras aceita elogios, &
porque não pareça, que com lisonjas procuro agradecer, o que sô
Deos sabe pagar, elle pague, & guarde a V. S. por muitos an-
nos, pera o seruir, & amar como deue. No Conuento da Senho-
ra da Boa Hora hoje 1. de Abril 1678.

Fr. Antonio de Santa Maria.

DOLEO SVPER TE FRATER
mi Ionatha. 2.Reg.cap 1.



ESPERAÓ os Principes , observaó os amigos, subtilizaó os irmãos, as occasioes mais lustrosas pera se mostrarem Principes, amigos, & irmaos. O Sol, que he Principe dos Planetas, esperou aquella bizarra occasiaó da morte de Christo, pera se mostrar agradecido a seu Creator : como se fora sensitiuo racional, se compadeceo, ou como aparentado com o diuino Sol de justiça, no occazo da Cruz, mortificando as luzes ao meyo dia, cubrio de luto seus rayos : *Obscuratus est Sol*, & ainda espera o Principe das luzes outra occasiaó de grande empenho (que será o dia do juizo) para vingar a Deos das injurias dos peccadores ; nesta fatal occasiaó, ajudando as justas vinganças de Deos, fará o Sol horriueis os seus resplandores, vestindose grosseira, mas finalmente de hum negro sacco de cilicio, meterá o mundo a sacco o vingatiuo astro, que dantes fora benefico instrumento da misericordia, será horrendo fiscal de justiça ! Oh rara generosidade, galharda fineza de hum Planeta sem discurso, que assim espera as mais notaveis occasioens, para ostentar bizarrias de agradecido Principe : *Sol factus est niger, tamquam saccus cilicinus* ; mas nesse grosseiro trage, será mais fino o Sol, como naquellas sombras : *obscuratus est Sol*, foi mais brilhante o seu primor.

Inde Sol
 obscuratus
 est, compa-
 tiens suo
 Creatori.
 Hugo Car-
 din. in Luc.
 cap. 23.

In fine ergo
 mundi Deus
 ad vindictã
 peccatorum
 solem faciet
 nigrum in-
 star sacci ci-
 licini.
 Cornel. Ala-
 pide in A-
 poc. cap. 6.

Os que tambem se querem mostrar amigos, espreitaó

a mais selecta occasião , para executarem maior fineza.

Auizaraõ a Christo da enfermidade de Lazaro : *Ecce quẽ diligis infirmatur*. Deteue-se Christo dous dias, depois deste auizo : *mansit in eodem loco duobus diebus*, que causa teria Christo para tanta demora , que esperaua, que não acudia ao amigo enfermo ? que esperaua ? melhor occasião para obrar maior fineza: *distulit tunc sanare, ut posset resuscitare*. Oh deixai estar a Christo, deixai-o estar , diz S. Augostinho, que he pera se mostrar maior amigo de Lazaro, maior beneficio, maior fineza he refucitar a Lazaro, que sarar a Lazaro, mais he tiralo de hũa sepultura, que leuantalo de hũa cama ; pois isso he , que espera Christo , como grãde amigo, melhor occasião para obrar maior fineza.

Ioan. 11.
Sed quare mansit, respondet Augustin. distulit tunc sanare, ut posset resuscitare.
Hugo Card. in Ioan. cap. 11.

Genes. 42.
Minas quasi in scena cõsequitur, iras histrionice repræsentar: sed nec ipsa iracundiẽ simulationẽ sustinens lachimis jam fictis actum agit, ut suorum defiderio victus euulgat quã fingebar, affe tum animi exprimẽs sincerẽ fratres amplectitur, germanifque labijs eos osculatur.
Basíl Seleuc. orat. 8;

Os Irmãos tambem estudaõ as conjunçoens do tempo, para fahirem mais engenhosos na sua lealdade : Admirauelmente fez o papel de leal Irmão no theatro do Egypto Ioseph filho de Iacob , quãdo seus Irmãos o adoraraõ, não se quiz dar a conhecer, fingio-se feuerso, fez papel de enfadado : *Cumque adorassent eum fratres sui , & agnouisset eos , quasi ad alienos durius loquebatur*. Falou Ioseph a seus Irmãos, como a estranhos, teue-os prezos como espias, arguioos de ladroens, fez com toda a propriedade a figura de feuerso Principe : diz Basilio de Seleucia, atẽ que não podendo já ter as lagrimas, nem reprimir os affectos, tirou o disfarce , declarou se pellos olhos em lagrimas, & pella boca nestas amorosas palauras : *Ego sum Ioseph frater vester*, parece que bastaua dizer, eu sou Ioseph, pera se declarar por Irmão, não bastaua dizer, sou Ioseph, senão Ioseph vosso Irmão, Irmão verdadeiramente vosso , que esperou com tantos disfarces a mais engenhosa occasião, para mais brilhar sua lealdade : *frater vester*.

Com estes tres titulos de Principe, amigo, & Irmão, se coroa aquella insigne acção de piedade, & generosa fineza de

das Almas.

7

de David cõ Ionathas defuncto : *Doleo super te frater mi Ionatha.* Foi David Principe nas exequias de Ionathas, por isso o vngiraõ logo por Rey, foi amigo, porq̃ como proprias sentio as dores do defuncto amigo : *doleo super te,* foi Irmão, verdadeiramente Irmão d'alma, & digno exemplar dos Irmãos das Almas, porque não sendo por sangue Irmão de Ionathas viuo, se fez por charidade Irmão de Ionathas defuncto, como Principe generoso, como amigo d'alma, como Irmão verdadeiro : *doleo super te frater mi Ionatha,* estas tres qualidades de David, copiarei pera doutrina da Irmandade das Almas: Da parte de David a Irmandade viua, se verãõ as generosidades, finezas, & lealdades, e com os defunctos, deuem de obseruar os Irmãos das Almas: Da parte de Ionathas a Irmandade defuncta, corresponderãõ os agradecimẽtos pellas exequias, as graças pellos suffragios, vnindose hũa Irmandade com outra, na figura de David, & Ionathas, como se vnia a alma de Ionathas, com a alma de David: *Conglutinata est anima Ionathae, anime David,* supposta a materia, pretendamos a forma, que he a graça do diuino Espirito, por intercessãõ de nossa Mãy a Senhora da Boa Hora.

Veneruntq;
viri Iudã &
vixerūt ibi
David, vt re-
gnaret supra
domũ Iudã.
1. Reg. c. 2.

Aue Maria.

Doleo super te frater mi Ionatha.

MVito se tem infamado no mundo o nome de Irmãos, que mais pode ser, que a primeira Irmandade, que ouue no mundo, foi donde fahio a primeira morte, a primeira aleiuozia, o primeiro odio, a primeira enueja: Tanto escandalizou aquelle delicto de Caim, por ser contra seu Irmão Abel, que a mesma terra com ser hũbruto elemento, sem ter o grao de animal para sentir, nem o de racional para entender, a atrocidade do infame fratricidio, clamou a Deos por castigo: *Vox sanguinis fratris tui Abel clamat ad me de terra,* valhame Deos! porque

Gen 4

não

naõ clamou a terra contra o peccado original, contra o peccado de Pentapolis, contra a idolatria Hebræa, contra a morte de Christo, se naõ contra o peccado de Caim? se naõ abre a boca para tantos peccados, que no mundo se cometem, como sô para o peccado de Caim tem boca a terra: *clamat ad me de terra*, se se calla, se consente, se perdoa os mais peccados, porque naõ calla, porque naõ perdoa o de Caim? Oh que he tão atrox, & intoleravel o peccado de Caim, por ser de Irmão para Irmão, que atè a mesma terra se escandaliza, tal deliçto como esse naõ perdoa a terra, o primeiro Irmão ser logo tão máo Irmão, que por enueja tira a vida ao innocente Irmão, he cazo que atè o insensível o sente, o irracional o estrema, a terra o accusa, ainda que os mais se callem: *Si frater parcit, terra non parcit, si frater tacet, terra non tacet, sed condemnat, ipsa est in te testis, & iudex.*

S. Ambr lib
2. de Caim
cap 9.

Se assim começou a primeira Irmandade do fangue, que muito que Esau mataffe tambem a Iacob, có o odio, se naõ foi com espada: *oderat semper Esau Iacob*, porque *Qui odit fratrem suum homicida est.* Que muito que Absalão marasse a seu Irmão Amon; que muito que Salamão mandasse tirar a vida a Adonias seu Irmão; mas que grãde lastima, que a mesma carne se degole, que o mesmo fangue se mate, que o que haviã de ser motiuo de mais apertado vinculo de amor, seja occasião de mais barbara tirania, que crie a natureza, que sofra Deos taes Irmandades no mundo, que se possa dizer na Christandade, o que poderã ser se naõ achè na Turquia, Irmãos que naõ sejaõ Irmãos: si, porque raro he o que sabe ser Irmão. Doze filhos teue Iacob, os onze he bem notorio o que fizeram a seu Irmão Ioseph; naõ o mataraõ, porque hum dos onze Irmãos interpoz a obrigação da Irmandade: *Frater enim, & caro nostra est.* Este chamauase Iudas (nè todos os Iudas são falsos) mas notem, que de onze Irmãos, sô hum soube ser Irmão, & foi depois de est

Gen 29.
2 Reg c 20.
3 Reg cap 2

Gen. 37.

jà bem mal tratado Ioseph , & se o liurou da morte, não o liurou de ser vendido ; só no Egipto se prouou bé a proposição de ser raro ; o que sabe ser Irmão. Foraõ os onze ao Egipto , obrigados da necessidade adorar a Ioseph : *Cumque adorassent fratres sui*, (trocas do mundo , hoje vendido, à manhã adorado) os Irmãos que adoràraõ , não conhecerão a Ioseph ; Ioseph adorado conheceo os Irmãos, he particular aduertencia do texto : *Fratres ipse cognoscens, non est agnitus ab eis*, rara cousa, onze Irmãos não conhecem a hum Irmão, hum sô Irmão conhece a onze? si, que são muitos os Irmãos, que não são Irmãos, raro o que sabe ser Irmão, & quem? hum Ioseph no Egipto, hum homem, que tinha espirito de profecia.

Gen 42.

Propheticò spiritu emicuit Ioseph Patriarcha, & cum prosper, & fortunatus esset in Egipto fratres suos agnouit, cù tamen agnitus nullatenus ab illis esset.

Zuleta pag. 128.

Como tão infamadas estão no mundo as Irmandades do sangue, inspirou Deos na sua Igreja Irmandades de espirito, como he raro o que sabe ser Irmão , ordenou Irmandades das almas, pera se ver em muitos o que he ser Irmão. O Irmão em que se experimenta : *Frater in angustijs comprobatur*. Diz o Espirito Santo , que maiores angustias, que as do Purgatorio? não fallo nas penas, que diz S. Anselmo, que a minima pena do Purgatorio, he maior, que todos os tormentos, que se podem imaginar no mudo, & S. Augustinho affirma, que o fogo só lhe falta ser eterno, pera ser Inferno o Purgatorio! Oh que lenha se corta pera este fogo na Corte, que he matta de tantas vaidades : nos decotados, não se corta pouca, nas mais superfluidades muita se corta ; mas não fallo nas dores, que causarão tão crueis penas ; se não nas angustias , que terãõ aquellas affligidas almas, com a dilação da esperança, que he là maior tormento : *Spes, que differtur, affligit animã* : pois quem liura as almas daquellas angustias , daquellas crueis esperanças, he verdadeiro Irmão , he bom Irmão d'alma, o que das almas sabe ser Irmão : *Frater in angustijs comprobatur*.

Prou 17 : De quibus minimum majus est, quam maximum, quod, & in hac vita excogitari potest. D Anselm in Glucid.

Prouerb. 13. D. August. tom. 4 lib. de vera, & falsa penitentia.

Como se ha de prouar o Irmão naquellas angustias

4. Cor.
cap. II.

das almas do Purgatorio ? como, sentindo-o-as, como próprias ; ha de sentir cá, como se lá estiuera, esta he a charidade ; verdadeiramente charidade fraterna : *Quis infirmatur, & ego non infirmor* ; diz a charidade de Paulo, parece incruel, se elle o não dissera ; quereis saber como S. Paulo adoezia das enfermidades alheas ; porque sentia como proprias as dores dos outros , porque tinha charidade fraternal, porque a quantos prégaua, & escreuia, chamaua Irmãos *Fratres* ; como era Irmão de todos por charidade ; de todos sentia os males como proprios ; isto he ser Irmãos, sentir como proprias as enfermidades do Irmão enfermo : *Fratres, quis infirmatur, & ego non infirmor*. Isto he ser Irmão dalma, sentir como proprias as dores, & angustias dos defuntos : *Doleo super te frater mi Ionatha*. Fez-se Dauid Irmão d'alma de Ionathas, *frater mi*, logo sentio como proprias as suas dores : *doleo super te*. Se quizeres ser verdadeiros Irmãos, fede Irmãos das almas, que só nesta Irmandade se experimenta o ser Irmão, & se vos dispuzeres a ser verdadeiros Irmãos das almas, haueis de sentir como proprias aquellas dores, & angustias do Purgatorio , como Paulo, como Dauid : *Quis infirmatur, & ego non infirmor : doleo super te frater mi Ionatha* ; & logo Deos por essa boa Irmandade, por essa fineza fraternal, tirará as almas do Purgatorio.

Ioan. II.

Duas Irmãs teue Lazaro viuo, & só hũa o chorou depois de morto, esta foi a Magdalena : *ut vidit eam plorantem*. Se o choro he aljofar, que lá détro na concha do coração se gera có o orualho da diuina graça, & pellos olhos enfiado por charidade se derrama ; podemos dizer destas lagrimas da Magdalena, o que das lagrimas de Christo se disse nesta mesma occasião : *Lachrimatus est Iesus, ecce quomodo amabat eum* ; a Magdalena tambem chora por Lazaro defunto : *ut vidit eam plorantem* ; pois tambem : *Ecce quomodo amabat eum, quod est causa cause, est causa causati* ; dizem os Philosophos, se Christo chorou, por-
que

das Almas.

II

que vio chorar a Magdalena, as lagrimas de Christo, ou sejaõ causas, ou effeitos do amor de Lazaro, as lagrimas da Magdalena saõ tambem causas, ou effeitos do amor de Lazaro, & se o chorar he amar, seguese que mais amava a Magdalena, que Martha a seu Irmão Lazaro, & que foi a Magdalena mais fina, & verdadeira Irmãa do defunto Lazaro, do que Martha, porque não conta o Euangelho della hũa só lagrima (que he muito pera mulher,) & pera Irmãa tanta sequeidão, o que eu colho das lagrimas da Magdalena, he que Christo mouido dellas, chorou, & có as lagrimas nos olhos resucitou a Lazaro: *Lazare veni foras*. Assi considero eu hoje, & piamente se pode crer, que pellos suffragios desta boa Irmandade, pella Magdalena desta Irmãdade tirará Deos muitas almas do Purgatorio; como Christo tirou a Lazaro da sepultura: *veni foras*, tiremse os Ionathas defuntos das penas, porque estão cã os Daus sentindo como proprias essãs dores: *Doleo super te frater mi Ionatha*. Que se Christo por amor das lagrimas da Irmãa, liurou o Irmão da morte, pellas exequias da Irmandade, liurará do Purgatorio as almas: *veni foras*.

A segunda calidade da verdadeira Irmandade das almas, he amizade de proua, que mostra nos suffragios dos defuntos; porque nas aduersidades, nos trabalhos, se vê os amigos, amizade que falta no tempo aduerso, na occasiã do infortunio; não he amizade, he zombaria: *hec est inquit gratia tua ad amicum tuum, quare non iuisti cū amico tuo*.

1. Reg. c. 16.

Essa he a amizade, que tendes com Daud, porque não assistis ao amigo, disse Absalão a Chusai, quãdo deixou a Daud perseguido, como zombando da amizade de Chusai: diz Hugo: *Hec est gratia ad amicum tuum hoc dixit Absalon irrisoriè*, porque amizade que falta no tempo da aduersidade, não he amizade, he zombaria, faltais na companhia de Daud, que estã em trabalhos, não sois amigo, diz S. Hieronymo: *Hec est misericordia ad*

Gratia in Hebreo dicitur misericordia, quasi dicitur nullius, misericordia videris, quia dimi-

listi amicū
tuum in sua
scilicet ad-
uerfitate,
quando effes
ei necessa-
rius, & dicit
hoc Ab-
falon irri-
rie, vnde
Hierony-
mus in lib.
de Hebr.
quæstion.
dicit: hæc est
mifericor-
dia ad ami-
cum tuum,
quod nõ af-
firmãdo, fed
negando di-
cit.

Card. Hug.
in lib 2.

Reg cap 16.
pag 254

Ioan. II.

Manlius
lib 2.º ami-
ci n emo
amicus.

amicum tuum, quod non affirmando, sed negando dicit, não he amigo verdadeiro o que vos desempara nas penas, & trabalhos, he amigo de graça, de zombaria: Hæc est gratia ad amicum tuum; o que assiste nas penas, o que acode nas tribulaçoens, esse he verdadeiro amigo, como são os Irmãos das almas, que na maior aduerfidade, & tribulaçãõ, qual he a do Purgatorio, assistem, & fazem quanto podem pellos amigos defuntos, estes não são Chufais pera Dauid, são como Dauid pera Ionathas, que na occasiãõ da morte mostrão o fio do pano, a fineza da charidade, que he final, que se não amauão em vida por interesse, se não por pura amizade. Quem assiste, quem busca o amigo morto, busca a amizade, & não o amigo, & esse he quem ama; quem busca o amigo que està viuo, busca o amigo, & não a amizade; este se não pode dizer, que ama. Torne-mos a Lazaro, que tem hum grande amigo em Christo.

Morreo Lazaro, vierão muitos conhecidos, & amigos, visitar suas Irmãas, Martha, & Magdalena: *Multi autem ex Iudeis venerunt ad Martham, & Mariam.* Veyo tambem Christo; mas veyo buscar a Lazaro: *Vbi posuistis eum?* estaua a caza de Martha cheia de amigos, & parentes; mas sòmente de Christo se disse naquella caza, que era amigo: *Ecce quomodo amabat eum.* De tantos (*multi autem ex Iudeis*) hum só amigo, & esse apontado com o dedo, & esse hum Christo *Ecce*: Hora bem disse Socrates, que o mundo estaua cheio de amigos, mas que elle não achaua hum amigo, porque os mais, & os muitos *multi*; buscão nos amigos, amigos, & não amizade, conueniencias, & respeitos, & não finezas, & lealdades; buscão os viuos, como os muitos amigos de Lazaro, que não buscauão a elle morto, se não Martha, & Maria, que estauão viuas: *venerunt ad Martham, & Mariam*; estes amigos temporaes, não se pode afirmar delles, que não; porẽm Christo que não busca as Irmãas viuas, se não o Irmão morto; este sim, que ama: *Vbi posuistis eum; ecce quomodo*

modo amabat eum, não me contento com que os circunstantes digaõ, que Christo he amigo de Lazaro, porque o busca, porque o ama, depois de morto, quero que o mesmo Christo diga por sua boca: *Lazarus infirmatur*; falla Christo de Lazaro viuo, & não falla em amigo: *Lazarus amicus noster dormit*: falla agora de Lazaro morto, & nomease amigo: *amicus noster*. He certo que Christo era amigo de Lazaro em vida, & em morte, & se não fora amigo de Lazaro viuo, não fora amigo de Lazaro morto; pois porque diz, que he seu amigo, quãdo o nomea morto, & não quando falla nelle viuo? pera nos ensinar que com os defuntos se proua a verdadeira amizade, & que os amigos depois da morte se vem, se o faõ, & então se podem nomear amigos, quando remedeão os defuntos. Sépre Christo foi amigo de Lazaro em vida, & em morte; mas parece, que era mais amigo de Lazaro morto, que de Lazaro viuo: porq̃ lhe fez maior beneficio, & mostrou ser verdadeiro amigo na sua morte: *Lazarus amicus noster dormit*. Depois da morte, hauer amigo que se doa, que o busque morto, como o buscaua viuo, que o corteje na sepultura, como o cortejava em sua caza, que com tanto feruor corra aos horrores da sepultura, como aos fauores da vida, isso he cousa rara, não se acha em todos os amigos. Sõ aquelle Discipulo q̃ por antonomazia era amado, & amigo de Christo, faz essas finezas: *Discipulus ille, quẽ diligebat Iesus*. Reparei em Christo (estando pera morrer na Cruz) testar do Discipulo amado: *Ecce filius tuus*, que razão ha, pera que Christo teste deste amigo, não se costumando testar de amigos? porque não se costuma testar de amigos, porque depois da morte os mais deixão de ser amigos; & porque he testar do que não ha de permanecer; porẽm ao Euangelista deixa Christo por amigo no seu testamento, porque sabe que he amigo do peito, amigo do coração, que não ha de faltar depois da morte? bem està; mas ainda reparo mais, porque não testa Christo

Ioan. 22.

Ioan. 19.

Cum vidisset ergo Iesus matrem, & discipulum stantem.

Tu scis, quia
amo te.

Matt. 16.

sto dos mais Discipulos, ou ao menos de Pedro, que tam-
bem o amava muito? vede o que succedeo antes, & de-
pois da morte de Christo: então o porque testou de
Ioão, & não de Pedro; & porque testou do Discipulo
amado, & não dos outros Discipulos, porque os mais nas
penas da sua Paixão o deixaraõ logo, ao primeiro rebatte
da prizaõ fugiraõ: *Omnes relicto eo fugerunt*; pois Disci-
pulos que ainda em vida fogem, que ferà depois da mor-
te. Quem foge com medo da prizaõ, melhor fugirà da se-
pultura, com medo da morte, & assi nem na Paixão, nem
no Caluario, nem na sepultura apparecerão; pois destes
amigos não se pode testar; do Euangelista sy? que esteue
ao pè da Cruz, assistio á morte, & buscou depois a Chri-
sto na sepultura; he o vnico que fica por amigo no testa-
mento de Christo: *Currebant autem duo simul, & ille alius
Discipulus procurrit citius Petro, & venit primus ad
monumentum*; amigo que busca o amigo morto, como o
buscaua viuo, que lhe busca a mortalha, como lhe busca-
ua o peito, que o corteja na sepultura, como no Cenacu-
lo, no Caluario, como no Tabor, na morte, como na vi-
da: este só he pera se estimar por amigo depois da morte:
Ecce filius tuus, amigo que com mais cuidado, zello, &
feruor, busca os horrores da sepultura, que os fauores da
vida, he digno de se testar por amigo; deixando os mais,
porque he coufa rara, haucr amigo depois da morte: *Ec-
ce filius tuus*.

Cant. 8.

Pfalm. 10.

Pera hauer amizade, depois da morte, he necessario
muito valor, porque tem contra sy, hum contrario mui-
to grande, que a todos vence, que he a morte, & pera
competir com a morte he necessario ser muito valente a
amizade: *Fortis est ut mors dilectio*. Costuma a morte
tirando vidas aos que matta, meter horror aos que deixa,
tirar do coração dos viuos a insolente fera, o amor dos de-
funtos, causar esquecimentos, & dezafeiçoens, he o dam-
no, que tambem faz nos viuos: *Oblivioni datus sum tan-
quam*

quam mortuus à corde: Sou esquecido, como morto: diz Dauid, porque os mortos são os mais esquecidos, mas notaí que chama ao esquecido morto do coração: *mortuus à corde*; parece que ouuera de dizer: *mortuus à memoria*, & não *à corde*, porque o esquecimento he falta da memoria, a essa potencia pertencem os mortos esquecidos, & não ao coração; que não he potencia da alma; mas he o centro, & a officina do amor, & a morte isso he o que intenta, tirar a amizade, & não a memoria, matar nos coraçõens dos viuos amigos, a amizade dos amigos defuntos; porque em os defuntos sendo mortos do coração, logo serão esquecidos da memoria! Ah morte? já te não chamo de humana; por tirares as vidas; porque essa he a tua vida; tirar vidas; esse he o teu officio, matar; mas do que me queixo, ou do que se queixão os que matas; he que duas vezes os matas, hũa tirandolhes as vidas, outra tirãdo-os dos coraçõens dos viuos, matando tambem nos viuos a amizade dos defuntos, como rayo que a huns matas, a outros assombras, matas aos que tiras as vidas, assombra aos que tiras o amor dos defuntos, & causa esquecimento das almas: *Obliuioni traditus sum, tanquam mortuus à corde*. Isto diz Dauid de sy; como morto, mas não foi assi: Dauid com Ionathas morto, teue muito viua memoria; muito valente amizade com o seu amigo defunto: *Doleo super te frater mi Ionatha*, se não pode tirarlhe a fouce com que lhe tirou a vida do amigo, pode cortarlhe o esquecimento, que causa nos viuos. Se a morte chegou ao coração de Ionathas pera o fazer defunto, não pode chegar ao coração de Dauid pera o fazer esquecido; tirou a vida a Ionathas, mas não tirou a Dauid o amor, que de coração tinha a Ionathas; mas he porque Dauid era valente, & valente amigo: *Fortis est ut mors dilectio*, não era só valente pera Gigantes, era valente Gigante pera a morte, porque era fino amigo, por isso tão agigantado foi Dauid no amor, que chegou a amar, até depois da morte.

Tendes reparado entre o innumeravel vulgo das flores, no Mira-Sol, que he tão fino amante do Principe dos Planetas: que desde que nasce o Sol, até que no Occazo se sepulta, o segue, & cahindo o Sol, tambem o Mira-Sol cah, como quem sente a ausencia, o apartamêto, a morte do amigo Sol, desfama, & vira a florida; mas descorada roda; pois por esta fineza se chama Erua Gigante, por ser a mais fina, he a mais agigantada flor: Tal Dauid com o defunto Ionathas, até o occazo da morte o seguio, até depois da morte o amou com excessõ: *Doleo super te frater mi Ionatha, decore nimis, & amabilis super amorem mulierum*: & por ser tão fino (que a morte he que afina a amizade) foi tão agigantado no amor pera amigos, porque foi valente pera Gigantes; porque se o Sol agiganta o Mira-Sol, por lhe ser tão fino, que até o Occazo o segue, as finezas pera com os defuntos, não ha duuida que fazê Gigantes no amor; porque o amigo de Lazaro defunto: *Lazarus amicus noster dormit*, era Gigante no amor: *exultavit, ut Gigas ad currendam viam: à summo Cælo egressio ejus*; por isso veyo do Ceo tão agigantado, porque não fino com os mortos pello peccado: *Deus autem qui aïnes est in misericordia propter nimiam charitatem, qua dilexit, & cum essemus mortui peccatis, conuiuificauit nos Christo*: diz S. Paulo mostrando, que a fineza que Deos yzou có nosco, foi sendo nós mortos, amarnos por meio do Filho, que veyo como Gigante, com tão nimia charidade: *Propter nimiam charitatem*; porque a charidade pera com os mortos he a mais fina, a mais nimia, & agigantada obra de charidade: *propter nimiam charitatem, qua dilexit nos, cum mortui essemus*.

Psalms 18.

D. Paul.
Epist Eph.
cap. 2.

A terceira qualidade dos Irmãos das almas, he o grãde nome, que deste sancto exercicio tiraõ, que não he menos, que serem Principes, com mais gloria, do que se nasceraõ Principes: porque o nascer Principe, he dita da fortuna, he como a forte de hum dado, nascestes de hũ Rey,
pude-

pudercis nascer de hum Pastor, vir a ser Rey, como Dauid, cuja fortuna o fez de Pastor, Rey.

Porém o fazerse Principe por merecimentos proprios he maior credito, porque mais acredita a propria gloria, do que a alhea, & por isso se deve fazer maior estimação do titulo, que nasce do merecimento, que do titulo, que vem do nascimento.

Preguntarão os Magos por Christo Rey nascido: *Matt. 2.*
Vbi est, qui natus est Rex Iudaeorū, não ouue Estrella, que os guiasse, nem quem desse noticia do tal Rey nascido.

Deixemos aqui os Magos, perguntando pello Rey nascido; passemos ao môte Caluario: crucificarão a Christo neste monte, & puzerão lhe na Cruz o titulo de Rey: *Iesus Nasareus Rex Iudaeorum;* abaixou Christo a cabeça: *inclinato capite,* parece, que fazendo reuerencia, & cortezia ao titulo de Rey, antes de morrer; porque depois de morto não era então misterio, porque essa inclinação fazem ordinariamente os mortos, depois de espirarem; mas inclinar Christo a cabeça, antes de espirar; depois de lhe porem em cima da cabeça o titulo de Rey; parece que ao titulo de Rey era a cortezia da cabeça, agora reparo, porque razão ao titulo de Rey nascido, se retira a Estrella, & ao mesmo titulo de Rey na Cruz, faz Christo tanta estimação, que lhe abaixa a cabeça? porque mais se inclina ao titulo de Rey crucificado: *inclinato capite,* que ao titulo de Rey nascido: *Vbi est, qui natus est Rex Iudaeorum;* pois mais estima o titulo, que lhe dão seus inimigos, que o crucificação, do que o titulo, que lhe dão os Magos, que como amigos o buscão, he mais ser Rey na Cruz, que Rey no nascimento? assi parece, que faz Christo mais estimação de ser Rey crucificado, que de ser Rey nascido, porque nos quiz ensinar, que mais glorioso he fazerse, que nascer Principe: do titulo de Rey nascido, que lhe derão os Magos, não fez cazo, nem com a Estrella, que dantes lhes assistia, aplaudio o titulo, que lhe dauão, antes

Ioan. 19

incuberta a Estrella, retirado o fauor do Ceo, mostrou Deos se não comprazia de titulos de nascimento, & na Cruz onde tanto merecia, aceitou, estimou, aplaudio, & inclinouse ao titulo de Rey: *Rex Iudeorum, inclinato capite*, porque estando na Cruz, em que se fazia tão benemerito, como trono mais glorioso, que o berço em que nasceo, se formaua mais digno, & perfeito Principe.

Isai. 11.

Senhores, pera estimares mais o fazer, que o nascer, o merecer, que o herdar, que razão ha, dizeime, pera que nenhum seja sabio pello que soube seu Pay, nenhum seja valente pello braço de seu Auô; nenhum seja gentil-homem, pella gentileza de seu parente: & que pera ser Principe baste o nascer de Principes? eu confesso, que nascer Principe he grande dita, acharse logo no berço com glorias, & despojos gloriosos; antes de dar passos acharse no mais alto da carreira, ou no primeiro passo pôr logo o pé na eminencia, nascer logo com virtudes, como nascem os nobres, que a penas abre os olhos o leãozinho, quando já facode airozo a melena; como seu Pay, atè aquella flor mais bella, que os Ceos admirão mais illustre, q̃ as Estrelas, quiz que soubesse que da raiz de Iessê, tiraua a fermosura: *Egredietur virga de radice Iesse, flos de radice ejus ascendet*. Não duuido, que os filhos participão dos pays, escondido como em graó o valor, & que com propriedade, disse Homero, que se deixauão gozar distilladas as virtudes paternas, não nego que muito ajuda nas plantas os bons enxertos, & nos animaes as generosas criações, o nascimento illustre pera a virtude, & pera o valor, que cada titulo de nobreza, he hum graue estimulo pera a virtude, cada brazão hum empenho, cada parente illustre, hũa obrigação; cada Estatua dos maiores hum conselho de bronze, que moue efficazmente o que fez o morto, pera ver o que deue fazer o viuo; mas tambem me não podem negar, que he boa esta maxima, cada hum he pello que he, & não pello que foraó os seus, & que se he gloria grã-

de o nascer Principe, maior he, & sobre nascer, fazerse, he o non plus vltra de Principes, os que o não são por nascimento, façaõse, os que nasceraõ, façaõse tambem: porque nenhum espirito animozo se contentou com a gloria herdada, que à força de seus brios, a não adquirisse, ou augmentasse; porque glorias só do nascimento, sem proprios merecimentos, ja çtar-se de bem nascido, & ser mal procedido, he dar occasiã à reprehentiõ do Baptista: *Gemina* Luc 3.

viperarum, quis ostendit vobis fugere à ventura ira, facite ergo fructũ dignũ penitentiã, & ne velitis dicere intra vos: Patrem habemus Abraham, ja çtar de filho de Abraham,

cuja descendencia fez Deos illustre como as Estrellas, *sicut Stellæ Cali,* & ser das biboras no procedimento, ser bibora, & filho de Abrahãõ, não concorda, he muito pera estranhar. Estranhouse a Nero, que nasceo Principe, o ser torpe, & na condiçãõ bibora, & Socrates foi aplaudido por suas virtudes, sendo filho de hum Estatuario, porque em fim diz o politico Tacito: *Nobilitas sola est, atque unica virtus.* Sõ a virtude he a verdadeira nobreza. Gen. 12. 1. Tacit. lib. 1. Hist.

E como a virtude da charidade, que com as almas se exercita nesta Irmandade, he a principal virtude, a Rainha das virtudes, por esta via ficaõ bem acreditados de Principes mais gloriosos, q̃ os da terra os Irmãõs das almas, porque feitos pellos merecimentos destes fuffragios, saõ Principes de Deos, com mais gloria, que os Reys, & Principes da terra. Em Chanaã foi Abrahãõ acclamado Principe de Deos: *Princeps Dei est apud nos,* & que causa ouue pera os Chanaentes chamar em Principe a Abrahãõ? que fez este Patriarcha; pera só nessa terra ter nome de Principe; fez o que vós fazeis nesta Irmandade, exequias, officio de defuntos: *Cumque surrexisset ab officio funeris,* não me enganei eu logo, nem vos enganey em vos chamar Principes por esta acção, por esta piedade funeral; porque se a Abrahãõ nunca se lhe deu titulo de Principe em toda a Escritura, se não quando fez o Of-

Maior autem horum est Charitas. 1. Cor. 13.

Gen. 13.

fioio de defuntos, & celebrou exequias de sua mulher Sara, que muito faço em vos apelidar Principes, por esta, & muitas acçoens generosas, & pias, que nesta Irmandade costumais; bem podeis entender, que se os Principes do mundo, do nascimento trazem a sua dita, da sepultura, & das piedades funeraes, podeis mais gloriosamente tirar o vosso Principado, & do tumulto podeis fazer o thalamo mais Regio, & de Irmãos das almas feres Principes de Deos, que he mais que Principes da terra: *Princeps Dei est apud nos.*

Deste titulo de Principes infiro hoje grande felicidade pera as almas, que serão mais depressa aliviadas, porque vos pedem o aliuio de suas penas, como Principes de Deos, & os Principes pios, não dilatão o despacho, dão ainda mais cedo o que se lhe pede, hoje haõ de ter logo as almas o despacho do que pedem; porque pedem a Principes de Deos. O bom ladraõ foi na Cruz verdadeiramente alma do Purgatorio, porque satisfazia por suas culpas nas penas, que padecia: *Nos quidem iuste, nam digna factis recipimus*, padecia o tormento da esperança, proprio do Purgatorio: *Salutem suam*, diz D. Augustinho *longe futuram sperabat latro*, & como alma do Purgatorio teue seu memento: *Domine memeto mei cum veneris in Regnum tuum*: Senhor, lembrai uos de mi depois que chegares ao vossõ Reyno; supoem esta petição a Christo Rey, & como a Rey pede a graça da lembrança: *Sed quia Rex audit, qui gratiam confert*, diz Cirillo Ierofolimitano: ah si: & vos bom ladraõ sois tão astuto requerente, que a titulo de Rey pedis a Christo hum memento pela alma, como defunto? pois logo hoje tereis o despacho, & mais cedo do que pedis: *Hodie mecum eris in Paradiso*, que não se dilatão os despachos, que se me fazem a titulo de Rey, eu já sou aqui na Cruz Rey, a pena que padeces da esperança, *ut cum veneris*: Como alma que estàs no Purgatorio, logo hoje te tiro:

Hodie mecum eris in Paradiso. As almas do Purgatorio são tão venturosas, que fazem a sua petição, pedem o seu memento de defuntos a estes Irmãos, a titulo de Principes, que são nesta Irmandade, pois a sua esperança se não dilatará, o seu tormento terá fim hoje, porque hoje haõ de hir pera o Paraiso: *Hodie mecum eris in Paradiso*, porque Christo, que he cabeça desta Irmandade, não ha de faltar com o priuilegio do despacho, hoje aos Irmãos das almas, que por serem tão Principes no obrar, o serão no despachar, porque se são Principes de Deos: *Princeps Dei*, por esta acção funeral, serão Principes de Christo no despachar logo, & aliuiar hoje muitas almas das penas do Purgatorio: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

Temos visto da parte de Dauid a Irmandade viua, as tres qualidades dos Irmãos das almas, como são, ou deuem ser Irmãos, amigos, & Principes, como foi o seu exemplar Dauid com Ionathas defunto, Irmão verdadeiro da alma, *Frater mi*, amigo finissimo: *Doleo super te frater mi Ionathas, decore nimis, & amabilis super amorem mulierum*, & Principe pio, & grandioso nas exequias dos defuntos, & que por isso logo ahi, pella piedade funeral que vzou com Ionathas, o vngiraõ por Rey: *Venerunt que viri Iudæ, & vnixerunt ibi Regem, vt regnaret supra Domum Iudæ.*

1 Reg. cap. 2

Agora ponderemos da parte de Ionathas defunto, que he Irmandade defuncta, os agradecimentos pellas presentes exequias, as graças, que daõ as almas do Purgatorio, pellas graças dos suffragios, que se o rico auarõto no Inferno, mouido sõmente de amor natural, tinha lembrança de cinco Irmãos, que tinha cã no mundo, *habeo quinque fratres*, quanto mais as almas do Purgatorio, que estã em graça de Deos, que tem tanta charidade, que por nós, & não por si, orãõ, & são muito accõtas, & agradauẽs a Deos, porque são o ramalhetẽ de Deos: *Iustorum anime in manu Dei sunt*, como não haõ de ser

Actus ergo hic, est actus natura, non virtutis
 Chryf Ambr
 br. Theophil.
 Luc. cap. 16.
 Sap 3.

agradecidas almas tão sanctas aos seus bem-feitores, que no aliuio de suas penas, são tão finos Irmãos, amigos, & Principes? na verdade, que aqui se me abria campo bem largo, materia bem ampla para estender o discurso nesta segunda parte, mais que na primeira: porque segundo Salamão mais deuia prègar dos mortos, que dos viuos: *Laudaui magis mortuos, quam viuos*; mas como os mortos não fallão, senão por exemplo como Abel, que ainda falla diz S. Paulo, *per illam defunētus adhuc loquitur*. Remetamos ao silencio o seu panegirico, & ponhamos diante dos olhos o seu exemplo, & a lembrança da morte, que nos representão: Este he o melhor modo, cõ que dos mortos se pode prègar, & com que elles vos podem agradecer os beneficios, que lhes-fazeis nestes funeraes, quando os beneficios por sy fallão, escuraõse mais eloquencias: *Res loquantur nobis tacentibus*, falem os beneficios, & calemos nós, dizia Seneca, os beneficios que fazeis às almas fallão; os sacrificios bem se ouem, os officios bem soão, atè o fogo em lingoas arde; os finos que se dobraõ bem clamão; pois se os beneficios tanto se manifestão? não tem as almas, que dizer, mais que com o silencio agradecer, & com o seu exemplo falar; os viuos, que recebem beneficios são os que deuem contar, & os mortos calar, & lô com o que representão agradecer,

Curou Christo a dez leprozos, só hum agradeceo o beneficio; Estranhou o bem-feitor diuino a ingratitude dos noue à villa do agradecimento do decimo leprozo: *Non est inuentus, qui rediret, & daret gloriam Deo, nisi hic alienigena*, louuou este, que tornou, *qui rediret*, queixouse dos noue, que se foraõ, & não tornãraõ agradecidos: *Et factum est dum autem irent, & mundati sunt, nomen decem mundati sunt, & nouem ubi sunt*; Resucita Christo a Lazaro, & manda que o dezatem, & o deixem hir: *Dixit eis Iesus soluite eum, & sinite abire*, se o resuscitar a Lazaro he maior beneficio, que curar os leprozos, & maior

Eccles 4.

Senec. ad
Æbuci Li.
beralê de be-
nef.

Luc. 17.
Cornel.

Ad me non
redeunt nec
beneficium
agnoscunt
nec mihi be-
nefactori
gratias agūt
in com
in Luc. c. 17.
Ioan. 11.

ior beneficio pede maior agradecimento, como manda Christo que dezatem a Lazaro da obrigaçãõ do beneficio; pello dezatar da morte, sem lhe dar as graças, & dos noue Leprozos se queixa, porque naõ forãõ agradecidos? de maneira que Lazaro só tem licença para se hir: *Sinite abire*, sem dar a Deos a gloria, nem a Christo os agradecimentos de tão grande beneficio, & os leprozos por hirem: *dum autem irent*, & naõ tornarem a dar as graças por menos beneficio, que o de Lazaro: *Non est inuentus, qui rediret, & daret gloriam Deo*, lãõ arguidos de ingratos? sy, que Lazaro era defunto, os leprozos eraõ viuos, do beneficio, que se faz aos defuntos, naõ se espera o agradecimento por palavras; dos viuos sy, porque os defuntos naõ agradecem por palavras, agradecem por obras, com o exemplo da morte pagãõ; aquella representação, que fez Lazaro, sahindo da sepultura, ligado de pès, & mãos, & atè o rosto cuberto com hum sudario, bastou para satisfação do beneficio, para agradecimento da resurreiçãõ: *& statim prodijt, qui fuerat mortuus ligatus pedes, & manus institus, & facies illius sudario erat ligata*; & porque bastou aquella figura de Lazaro a mortollhado, aquella representação da morte, aquellas ligaduras, aquelle sudario, para ficar Christo satisfeito do agradecimento, & dallo por liure do agradecimento, como da morte? *Soluite eum, & sinite abire*, & naõ procurar, que viesse agradecer, como aos leprozos, se naõ que se fosse; *sinite abire*. Porque daquella funesta representação, daquella sepultura aberta, daquellas insignias da morte se seguio a conuersãõ de muitos, que ali estauãõ, que só com verem, sem ouirem falar a Lazaro, se conuerterãõ: *Multi ergo ex Iudæis, qui venerant ad Mariam, & Martham, & viderunt que fecerat Iesus, crediderunt in eum*.

As almas do Purgatorio tão finas, como entendidas, liures já das grosserias do corpo, sem fallarem, vos agradeccem

Ecc1 38.

Iudicium
14.Thom.
opusc 57.

1. Cor. 11

Thom.
Aquín.
opusc 17.

cem melhor, do que se falariaõ como nõs, esta lembrança, que dellas com a lembrança da morte, que vos offererem nestas funebres ceremonias: *Memor esto iudicij mei sic enim erit, & tuum mihi erit, tibi hodie*: qualquer dellas vos dá hum memeto da morte, pello *memento mei Deus*, que lhe dais nas suas exequias, & se foreis entendidos, & ditozõs; do beneficio, que fazeis às almas, podereis tirar grande vtilidade para as vossas, da amargura da morte, bem rico fauo de mel para a vida; como lá tirou Samsão das prezas do Leão morto; & se destas memorias da morte, chegais a tirar defenganos para a vida; remedios contra o peccado; não podeis ter das almas melhor paga, né ellas podem mais finamente corresponderuos.

Chamase o Sacramento do Altar: Eucharistia, nome Grego, que quer dizer boa graça; bom agradecimento; & de que nos dá Christo agradecimentos? que beneficios lhe temos feito para nos dar as graças; & instituir hũ Sacramento de agradecimento? o Angelico Doutor S. Thomas diz, que Christo no Sacramento do Altar, o que tomou de nõs, o tornou a dar para nõssa saluação: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem*; quem de muito primoroso dos beneficios que faz; tira obrigações para agradecer: do beneficio que Deos nos fez, em tomar a nõssa vil natureza, & vnilla à sua Diuindade, tomou occasião para se dar por obrigado, a satisfazer có o beneficio a Encarnação do Verbo, & por isso instituiu o Santissimo Sacramento para agradecimento (*Eucharistia idest bona gratia*) mas de que modo formou o Eucharistico agradecimento? com representações da morte: *Mortem Domini annuntiabitis*. A mesma luz das Escolas S. Thomas, chama ao Sacramento do Altar, memorial da morte, & Paixão de Christo: *Tanquam passionis sue memoriale perenne*: Quereis saber como agradece Christo o que quiz fazer beneficio; representádole morto no Sacramento, com representações da morte, paga o be-

beneficio, & para isto se sacramentou, & fez aquelle epílogo de finezas, aquelle thesouro de amor, aquella quinta essencia da graça, para nos agradecer com representações da sua morte o beneficio da humanidade, que de nós tomou: & se Christo não podia dar mais, nem amar mais, nem agradecer melhor, do que dà, ama, & agradece no Sacramento, como memoria de sua morte, & Paixão; as almas do Purgatorio, não podem agradeceruos melhor esta humana, & religiosa acção, nem mais finamente responderuos, que com a representação da morte, que tiveraõ, & representação das penas, que padecem.

O que importa aos Dauis, he aproueitar do agradecimento; como os Ionathas se aproueitaõ do beneficio, tirar do boca do Leão mortos fauos de mel, das amargosas memorias da morte, doces emendas da vida, nas sepulturas cauar, & nellas descobrir thesouros destas funestas Imagens, viuas representações da morte, retratos de nós mesmos, façamos espelhos: vejamos que os defuntos foraõ, o que somos; & que hauemos de fer, o que elles são, & que tudo vai parar na morte, & o que nella não aproueita he nada, & que aquella caueira foi cabeça, em que se poem húa tiara, húa mitra, húa coroa, hum capello, hum barrete, hum chapeo, hum toucado, & que agora não ferue para o que foi, só pode seruir de defengano para os que são, que se hoje são, hoje podem não ser, porque da vida para a morte, he jornada, que se pode fazer em hum instante.

Mas porque desfarmada esta Eça (pompa da morte) acabado este Officio, concluido o Sermão, retirada a caueira, posta de parte a sancta memoria da morte, os documentos das almas, se podem mal lograr, o seu fino, & faudauei agradecimento, não aproueitar, se quizermos, em todo o mundo, em toda a parte, onde estiuermos, podemos ver Eças, & olhar para sepulturas. Todo este vniuerso he continua sepultura, onde se morre, como se viuue; não

olhareis para parte, onde não topeis com a morte, não poreis o pensamento; onde se não encontrem seus estragos. O Ceo tem sua noite, os Astros seu dia, o Sol seu Occazo, a Lua sua mingoante, a luz suas treuas, atè no Ceo ha morte, na terra são continuas as mortes, a ceára se corta, o verde bosque se secca, o florido do jardim se faz hermo, a risonha Primavera fenece; as Aues, que cantão, se mudão, & as que fallão emmudecem, os brutos desfalecem, o anno que por Inuerno começa, por Inuerno acaba; tudo o que começa, acaba, tudo o que nasce morre, nascemos todos pera morrer! Oh mortaes, tratemos todos de nos salvar, porque a vida he breue, a morte certa, a sua vinda incerta, & essa vnica, o juizo riguroso, o Purgatorio cruel, o Inferno eterno, a gloria sem fim. *Quam mihi, & vobis praestare dignetur: Pater, Filius, & Spiritus Sanctus.*

*Ad maiorem Dei gloriam, ac Deiparæ
cognomento bona hora.*





LICENCAS.

Leste Sermão, que prègou das Almas o P. Fr. Antonio de S. Maria, Visitador Gèral da Congregação dos Religiosos Descalços de S. Agostinho: & não contém cousa, que encontre nossa S. Fè, ou bons costumes. Seminario Irlandez 14. de Junho de 678.
Domingos de Payua.

ILLVSTRISSIMO SENHOR.

Veste Sermão das Almas do Purgatorio, que prègou, em S. Estevão de Alfama o P. Fr. Antonio de S. Maria, & nelle não achei cousa contra nossa S. Fè, & bons costumes. S. Francisco da Cidade em 4. de Julho de 1678.
Fr. Pantaleão do Sacramento.

Vistas as informaçoes, pòdesse imprimir este Sermão, & impresso tornará para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 8. de Julho de 1678.
Manoel Pimentel de Sousa. Fr. Valerjo de S. Raymundo.

Podesse imprimir. Lisboa 10. de Julho de 1678.
Fr. C. Bispo de Martyria.

Podesse imprimir, vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso, tornará a esta Meza pera se conferir, & taixar, & sem isso não correrá. Lisboa 12. de Julho de 678.
Magalhaens de Menezes. Carneiro. Roxas. Basto. Mosinho.

